

Teologia e Ciência da Religião: identidades e relações

Theology and Science of Religion: identities and relationships

JOÃO DÉCIO PASSOS*

Abstract

Theology and the science of religion constitute two distinct approaches, something that becomes evident both from the historical and the epistemological point of view. The relations between these two areas can be seen throughout history; they occur spontaneously or deliberately and programmatically, although this is an unfinished process in today's academic and scientific conjuncture. Universities, in turn, constitute the natural place of both, and are shown as protagonists capable of conducting the process of affirmation of identities and of dialogue between classical knowledge, theology, and the modern science of religion.

Keywords: Science of religion; Epistemology; Interdisciplinarity and Theology.

Resumo

Teologia e ciência da religião constituem duas abordagens distintas, o que se evidencia do ponto de vista histórico e epistemológico. As relações entre as duas áreas são constatadas ao longo da história; ocorrem de

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC São Paulo. Livre docente em Teologia pela PUC São Paulo. Professor do Departamento de Ciência da Religião da PUC São Paulo. jdpassos@pucsp.br

modo espontâneo ou de modo deliberado e programático, embora seja um processo inacabado na conjuntura acadêmica e científica atual. As universidades constituem, por sua vez, o lugar natural de ambas e se mostram como protagonistas habilitadas a conduzir o processo de afirmação das identidades e de diálogo entre o conhecimento clássico, a teologia, e a ciência moderna da religião.

Palavras-chave: Ciência da religião; Epistemologia; Interdisciplinaridade e Teologia.

Introdução

A pergunta pela relação entre os conhecimentos decorre da especificação de cada um deles, no conjunto geral dos saberes epistemologicamente fundamentados e institucionalmente reconhecidos. Uma ciência apresenta-se como portadora de estatuto próprio precisamente por distinguir-se das demais e, quase sempre, de uma ciência-mãe da qual se emancipou por razões epistemológicas e políticas. No entanto, cada ciência carrega elementos metodológicos e teóricos que a vincula a objetos e práticas comuns com outras, dentro de uma área e em relação direta com outras áreas. Embora essa seja uma questão antiga, ela adquire nas últimas décadas um apelo especial no âmbito da epistemologia, particularmente nas reflexões e nos planos referentes à tão ensejada interdisciplinaridade.

A teologia e a ciência da religião tecem, de fato, relacionamentos diretos e indiretos e configuram quadros epistemológicos e institucionais nem sempre claros, embora portem especificidades em seus estatutos teórico-metodológicos. Não raro, são compreendidas e assumidas como sinônimas, outras vezes como radicalmente distintas, porém tecendo trocas reais não explicitadas e conceitualmente formuladas. É verdade que, do ponto de vista histórico, as distinções epistemológicas entre as duas abordagens se imponham factual e conceitualmente. Não somente as nomenclaturas, mas, antes de tudo, os métodos e as teorias têm procedências e estruturações completamente distantes no tempo e distintas nos pressupostos. O fato é que uma ciência só emerge com identidade própria, quando conquista autossuficiência epistemológica e legitimidade

política no âmbito de uma conjuntura científico-acadêmica, passando da fase pré-paradigmática para a fase de ciência normal¹.

Para o leigo no assunto que olha de longe para as duas áreas, a distinção sequer existe. Tudo se refere ao estudo de temáticas religiosas, sendo a teologia nada mais que uma dessas abordagens. Mas, é também necessário reconhecer que, para outros que olham de perto e por dentro, a distinção pode não ser tão simples. Muitos pontos comuns podem colocar em dúvidas algumas certezas consolidadas, tais como, os objetos e os métodos comuns, as áreas de intercessão presentes nas duas abordagens ou, ainda, em abordagens que fazem as distinções se confluírem, como no caso da hermenêutica dos símbolos religiosos, na exegese dos textos sagrados ou na ciência da religião aplicada. No entanto, só pode haver relação se houver antes distinção. O próprio projeto da *inter* ou da *transdisciplinaridade* pressupõe que antes existam as disciplinas com suas especificidades, sendo que a partir dessas identidades se avança para problematizações a respeito dos isolamentos disciplinares e para a elaboração de cognições mais amplas.

A relação entre teologia e ciência da religião possui múltiplos aspectos que mereceriam ser explorados. O que será delineado a seguir foca em quatro questões: a construção da ciência da religião como área distinta da teologia, as relações espontâneas entre as duas áreas, as relações deliberadas e possíveis e os desafios políticos que a temática envolve nos dias de hoje.

1. A construção de uma ciência distinta da teologia

De modo sumário pode-se dizer que a ciência da religião é filha legítima das ciências modernas, enquanto a teologia está inscrita na longa temporalidade da filosofia ocidental; insere-se nas etapas de desenvolvimento histórico das escolas filosóficas e deita suas raízes mais arcaicas nas próprias origens do pensamento grego, como bem expôs W. Jaeger².

¹ Cf. Gérard Fourez, *A Construção das Ciências* (São Paulo: Unesp, 1995), 117-143.

² Cf. Werner Jaeger, *La Teología de los Primeros Filósofos Griegos* (México: Fondo de Cultura Económica, 2003).

Nessa linha de tempo, falar no relacionamento das duas abordagens é delimitar o olhar em uma temporalidade relativamente recente, seja pela origem moderna dos estudos de religião, seja pela convivência ainda mais recente das duas áreas no seio das universidades ou, em termos atuais, na moldura epistemológica que enseja colocar os conhecimentos diversos em diálogo crítico e construtivo. De fato, as dinâmicas de identidade e relação das diversas ciências vão adquirindo novos apelos e contornos epistemológicos, quando se visa praticar a inter ou a transdisciplinaridade. Os isolamentos identitários das ciências têm mostrado seus limites metodológicos, antropológicos e éticos, na medida em que esses novos paradigmas avançam na busca de patamares mais amplos (mais abertos) e profundos (mais completos) para os diversos conhecimentos acumulados dentro e fora das molduras epistemológicas e institucionais modernas³.

1.1. *A construção de uma ciência moderna*

A história mostra a ciência da religião emancipando-se da teologia e mesmo da filosofia, na medida em que se configurava um novo campo das chamadas *ciências humanas*. Em fins do século XIX, W. Dilthey colocava os estudos de religião no conjunto dessas ciências dedicadas ao ser humano⁴. Para o epistemólogo alemão era necessário achar o aspecto comum de um conjunto de ciências ligadas entre si pelo objeto comum, o ser humano. Dentre essas ciências, enumera explicitamente a *ciência da religião*. De fato, o desenvolvimento dessas ciências pedia, então, conceituação e fundamentação, pois já compunham um conjunto de abordagens que demonstrara efetividade metodológica e resultados teóricos concretos sobre seus variados objetos. Assim como outras ciências humanas, a ciência da religião rompia com os métodos especulativos clássicos de cunho metafísico e se apresentava como abordagem relacionada ao

³ Edgar Morin, *Os Sete Saberes Necessários à Construção do Futuro* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998).

⁴ Denominadas primeiramente *ciências do espírito* como se pode verificar na obra *Introdução às Ciências do Espírito*, de 1883 e, posteriormente, *ciências humanas*, de 1910: *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*. Na primeira obra coloca a teologia entre essas ciências (cf. 33; 37-38) enquanto na segunda fala em ciência da religião (cf. 19).

comportamento humano de um modo geral e, por conseguinte, às sociedades e às culturas particulares com seus significados distintos no tempo e no espaço. Nascia na corrente espontânea das diversas ciências novas que tomavam forma a partir de novos estudos que, no caso, se ocupavam do objeto religião. O processo de formação da disciplina segue a passos lentos e tem seu lugar constitutivo na segunda metade do século XIX, como expõe Usarski⁵. As ciências humanas modernas foram ocupando-se das expressões religiosas, movidas, evidentemente, pelo contato direto e prolongado com as diferentes religiões dos povos do novo mundo, alimentadas pelas novas possibilidades metodológicas de natureza empírica e promovidas pelas autonomias investigativas constitutivas das universidades modernas.

O nascimento dessa ciência designava-se como ruptura com o quadro epistemológico e também político anterior, bem-vinda para alguns, mal-vinda para outros. A ruptura se impunha sobre qualquer relação de continuidade, ao menos da parte dos novos estudos e, sobretudo, dos novos cientistas formados sob as regras dos novos métodos científicos. A ciência da religião não era, desse modo, um capítulo ou anexo próximo da teologia e se apresentava com essa identidade própria, na medida em que dela se distinguia e se distanciava por suas próprias exposições que avançavam para territórios mui distintos do judaico-cristão e construía pressupostos teóricos e metodológicos restritos tão somente às possibilidades empíricas dos objetos, sem qualquer finalidade valorativa ou normativa. De sua parte, a teologia conhecia um duplo movimento. Um primeiro de contato com os métodos e resultados das novas ciências, postura que causa abalos na estabilidade das tradições consolidadas em torno de seus métodos clássicos de cunho especulativo, no caso católico, e de cunho bíblico, no caso protestante⁶. Um segundo movimento

⁵ Cf. João Décio Passos e Frank Usarski, *Compêndio de Ciência da Religião* (São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013), 51-61.

⁶ O chamado protestantismo liberal e os chamado modernistas católicos configuram as linhas de frente de acolhidas dos resultados das ciências humanas no âmbito da reflexão teológica, embora já se possam verificar em ambas as tradições incorporações diretas e indiretas do pensamento moderno desde o iluminismo e do romantismo; cf. Evangelista Vilanova, *Historia de la Teología Cristiana*, vol. III (Barcelona:

afirma-se cada vez mais como conhecimento autossuficiente em suas práticas seculares, tanto no mundo católico quanto no protestante. No mundo católico, no epicentro do pontificado de Pio IX, consolida-se o paradigma de matriz escolástica que vincula de modo definitivo conhecimento racional e conhecimento revelado e condena quem nega a possibilidade de acesso racional à verdade sobrenatural. De modo análogo e, pouco depois, na tradição protestante inicia-se um movimento de radicalização do princípio clássico *sola scriptura*, porém agora concentrado na afirmação da inerrância do texto bíblico. O fundamento⁷ da verdade concentrada na Palavra revelada-escrita. Ambas as posturas instauram um campo autossuficiente para a teologia que dispensa os diálogos com as ciências modernas, perigosas e, em boa medida, falsas.

Nesse contexto de afirmação da verdade revelada, a pretensa investigação objetiva das religiões tendia a colocar a originalidade teológica em risco como a religião mais perfeita por possuir a plenitude da revelação e da salvação. Os estudos modernos da religião estavam localizados no território das coisas modernas perigosas à fé e, com frequência, proscritas pelas ortodoxias eclesásticas, porém com o agravante de operar, por um lado, uma quebra da hegemonia da abordagem teológica no campo religioso e, por outro, de insuflar a própria teologia com seus resultados que desestabilizavam a unidade e a regularidade das formulações doutrinárias fixadas nas tradições e reproduzidas no ensino. Nos seus primórdios, de modo particular na Alemanha, seu berço original, a Ciência da religião vivenciou tensões teóricas e institucionais com a teologia, o que contribuiu com um distanciamento cada vez maior dos respectivos cursos nas

Herder, 1992); Paul Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX* (São Paulo: Aste, 2010).

⁷ A tendência fundamentalista germinada no final do século XIX nos EUA desemboca no movimento no início do século XX; cf. Karen Armstrong, *Em Nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001); a coletânea de pronunciamentos organizada em 12 volumes, denominada *The Fundamentals*, foi publicada em 1909; a coletânea sucinta que hoje circula em diversas línguas foi publicada em 1958; cf. *Os Fundamentos*, ed. Reuben Archer Torrey (São Paulo: Hagnos, 2005).

Universidades⁸. Nas instituições de ensino superior do mundo latino a distinção entre as abordagens-áreas-cursos conheceu um processo próprio, ficando a teologia mais restrita às escolas ligadas às Igrejas, como estudo destinado ao consumo interno do clero, enquanto a ciência da religião foi se desenvolvendo, sobretudo nas universidades civis na convivência direta com as demais ciências e sem laços interdisciplinares com as investigações de natureza teológica.

1.2. *A composição da ciência da religião*

O fato é que uma ciência vai sendo construída e institucionalizando-se como disciplina autônoma com algumas nomenclaturas relacionadas ao estudo científico da religião, sendo, no início, sinônima de história das religiões ou história comparada das religiões ou, algumas vezes, diretamente identificada com a fenomenologia da religião. Essa ciência, embora reconhecida com nomenclatura autônoma já no final do século XIX, conheceu um processo plural e não linear no percurso de sua efetiva constituição, de modo a tecer interações diretas com as investigações feitas sobre religião por parte das ciências irmãs: a sociologia, a antropologia, a psicologia e outras. Nesse sentido, há que resgatar o que foi sendo abrigado sob a nomenclatura singular, *ciência da religião*. Os distintos resultados teóricos e metodológicos, bem como as distintas fontes e matrizes metodológicas que se dedicaram à investigação religiosa foi compondo o capital teórico da ciência da religião, na medida em que as investigações avançavam, sobretudo na primeira metade do século XX. Vale citá-las: *a*) como veia explícita, as pesquisas de Max Müller sobre mitologia indiana (1823-1900) pioneiras no estudo científico da religião, denominadas, desde então, ciência da religião; *b*) os avanços dos estudos da religião nos âmbitos das várias ciências humanas: da sociologia (desde Marx, passando por Durkheim e chegando a Max Weber), da antropologia (Franz Boas, J. G. Frazer e B. Malinowski) e da psicologia (Wundt, Freud, Jung e W. James); *c*) as abordagens da fenomenologia da religião e da história

⁸ Cf. Klaus Hock, *Introdução à Ciência da Religião* (São Paulo: Loyola, 2010), 205-208.

comparada que avançam e ganham grande envergadura (Rudolf Otto e Mircea Eliade); *d*) outras abordagens mais recentes como a geografia da religião, a estética da religião e a economia da religião tem munido os estudos atuais de religião; *e*) mas, nesse percurso, estiveram também presentes de maneira mais ou menos direta as abordagens clássicas, sobretudo de cunho filosófico, de modo explícito a filosofia da religião.

Esse acervo de mais de cem anos oferece métodos e resultados consolidados que compõe o espectro disciplinar da ciência da religião, deixando margem para uma pluralidade de opções referentes a matrizes teóricas, a métodos e, até mesmo, a nomenclaturas variadas⁹. Assim como outras ciências, pode-se observar no processo de sua formação movimentos variados de composição: aqueles endógenos que são realizados com a intencionalidade de compor o eixo central da nova ciência singular, aqueles paralelos que vão sendo incorporados a esse eixo, aqueles que resgatam da longa tradição filosófica (pré-moderna) conceitos e teorias afins e, por fim, aqueles que agregam novos conteúdos ao conjunto, na medida em que as investigações avançam. Trata-se de um processo de construção (invenção) da ciência, no qual podem ser verificadas as dinâmicas expostas pelos epistemólogos modernos, tais como as rupturas epistemológicas (com as práticas religiosas espontâneas), a composição de paradigmas diversos (que vão se sucedendo no decorrer da história e que operaram paralelamente), e as trocas interdisciplinares (entre as variadas matrizes que vão sendo construídas no âmbito maior das ciências)¹⁰.

Em suma, o estudo empírico e sistemático da religião assumida, então, do ponto de vista de sua pluralidade histórica e cultural e de sua singularidade como fenômeno humano universal, elabora formatos metodológicos diversos e constrói resultados distintos daqueles clássicos da filosofia e da teologia, diferenciando-se dessa última pela ausência deliberada e regrada de pressupostos normativos.

⁹ Podem ser utilizadas as denominações Ciências da religião, Ciências das religiões, Ciência das religiões e Ciência da religião; cf. Marcelo Camurça, «Ciência da religião, ciências da religião, ciências das religiões,» in *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*, org. Faustino Teixeira (São Paulo: Paulinas, 2001), 197-232.

¹⁰ Cf. Hilton Japiassu, *Introdução ao Pensamento Epistemológico* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979).

1.3. *Algumas particularidades da ciência da religião*

A ciência da religião se enquadra, portanto, no espectro amplo e complexo das ciências humanas, padecendo de suas peculiaridades e limites metodológicos e de suas dinâmicas históricas que revelam um quadro processual de codificações e recodificações e de busca permanente de um estatuto próprio¹¹. A teologia, embora afetada de modo lento por essas dinâmicas, manteve sua tradição e seu estatuto como conhecimento normativo que não somente investiga para descrever os fatos e comportamentos, mas também para prescrever valores para os indivíduos, para a sociedade e para a vida de um modo geral. O pressuposto da fé explicitamente assumido no processo reflexivo define o pensamento teológico e o distingue da ciência da religião. No conjunto das ciências modernas, essa última se institui precisamente com postura metodológica inversa, a que busca exercitar-se sem pressupostos valorativos e, na medida do possível, construir processos e resultados objetivos. De fato, a clássica discussão epistemológica sobre a neutralidade científica ocupa um lugar relevante nessa conclamada distinção¹². Desenha-se a esse propósito um campo pouco visitado pelos epistemológicos no qual certo modelo de ciências assumidamente pautado na objetividade distingue-se das chamadas ciências normativas, das quais a teologia faz parte como a reflexão mais emblemática. O fato é que os pressupostos valorativos que regem a investigação, em princípio neutra, nem sempre são explicitados ou mesmo conscientes, embora estejam presentes como direcionamento no antes e no depois do exercício que a conduz aos resultados verdadeiros. O mesmo se pode dizer, em certa medida, das teorias adotadas pelos cientistas: espécie de cânone que direciona a escolha dos objetos, a formulação das hipóteses e, de maneira direta, na construção dos resultados¹³. Com efeito, a definição clássica de teologia a distingue metodologicamente da ciência da religião como conhecimento de Deus e das coisas a partir de Deus. Em outros termos, a teologia se define antes

¹¹ Cf. Hilton Japiassu, *A Crise das Ciências Humanas* (São Paulo: Cortez, 2012).

¹² Hilton Japiassu, *Introdução às Ciências Humanas* (São Paulo: Letras e Letras, 1994), 69-103.

¹³ Cf. Fourez, *A Construção das Ciências*, 63-69.

de tudo pela sua formalidade – *a parte dei* – do que propriamente pelos seus objetos materiais, em princípio limitados¹⁴. A ciência da religião, por sua vez, possui um objeto material limitado – a religião assumida em algum de seus aspectos constitutivos – e uma perspectiva múltipla, na medida em que se estrutura de modo multidisciplinar com suas escolas e subdisciplinas¹⁵. Enquanto na teologia a fé pensada permite avançar na compreensão da realidade a partir de seu princípio ou fim último assumidos como valores, a metodologia da ciência da religião desvenda objetos religiosos específicos em suas lógica e dinâmica internas, tendo como princípio as imanências do objeto e das regras indutivas de investigação.

2. As relações entre Teologia e Ciência da religião

A disciplina/área/abordagem específica da ciência da religião com mais de cem anos de exercício acadêmico pode ostentar toda legitimidade na comunidade científica e nas instituições de ensino superior, ainda que em alguns contextos ainda não goze de plena legitimidade legal como área de conhecimento e, sobretudo, como área profissional. Pode-se dizer que, não obstante os avanços realizados na esfera macro institucional, em alguns aspectos ainda constitui uma ciência em construção. A sua distinção em relação à teologia faz parte da construção comum da autonomia epistemológica das ciências modernas e da autonomia política em relação à teologia quase sempre controlada pelas igrejas desde a idade média. A ciência da religião é uma filha autêntica das ciências e das universidades modernas laicas que sucederam histórica, política e epistemologicamente as universidades medievais católicas e algumas modernas protestantes. Contudo, não se pode iludir com uma oposição simples que, embora real, possa ser entendida como completo isolamento de ambas as partes nos tempos da razão moderna. No mundo das ciências, os encontros

¹⁴ Definição que tem suas raízes em Tomas de Aquino (cf. *Suma Teológica*, Q I, a. 3; a. 7) e que encontra novas expressões na teologia contemporânea: cf. Adolphe Gesché, *O Mal* (São Paulo: Paulinas, 2003), 5-8.

¹⁵ Cf. Giovanni Filoramo e Carlo Prandi, *As Ciências das Religiões* (São Paulo: Paulus, 1999); Frank Usarski, *O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião* (São Paulo: Paulinas, 2007).

mais inusitados podem, de fato, ser efetivados e se tornarem os mais fecundos sem a licença dos canonistas de plantão. Há uma dinâmica inevitável de mútua influência entre as investigações definidas como distintas, o que permite afirmar uma impureza epistemológica constitutiva das ciências, quando não a geração de novas ciências precisamente a partir do encontro fecundo de áreas distintas.

Para além da delimitação teórica e metodológica da ciência da religião e das afirmações da velha e segura teologia podem ser encontrados contatos fecundos que foram sendo realizados entre elas. Algumas frentes de contato foram efetivadas no decorrer dos dois últimos séculos de uma forma bastante construtiva, embora não tenham contado com uma reflexão metateórica que as fundamentasse.

A fenomenologia da religião, abordagem que integra a história da ciência da religião e se institui como uma de suas subdisciplinas, tem seu marco original no seio da teologia, ainda que não o declare metodologicamente. Trata-se de uma abordagem que nascida pelas mãos de um teólogo que busca avançar para a compreensão do fenômeno universal da religião e, para tanto, faz uma espécie de transposição da experiência e conceito de Deus para o Sagrado, sendo esse uma realidade singular primeira que se manifesta nas diversidades dos fenômenos religiosos. Rudolf Otto escreve seu famoso livro *O sagrado*, como uma «teologia secularizada» ou uma «teologia cientificizada», descolada, portanto, do pressuposto da fé cristã e dos territórios institucionais confessionais. Em boa medida, os estudos comparados das religiões carregaram esse arquétipo teológico subjacente, na medida em que assumem um parâmetro unificador para descrever as variadas expressões religiosas: divindade, rito, ética e hierarquias. Para muitos, Rudolf Otto assim como Mircea Eliade escondem em suas investigações pressupostos teológicos, ainda que não verbalizados. Na perspectiva aqui exposta, não se trata de desvendar um simples vício metodológico nesses autores, mas, antes de tudo, de constatar os trânsitos reais e, por certo eficazes, entre os conhecimentos. Como esses autores, outros de filiação teológica operam transposições de intuições, de teorias e de métodos da teologia para os estudos científicos

da religião. Como em outros casos de invenção de ciências modernas, a teologia pode ser um ponto de partida, uma fonte epistemológica que atiza a investigação de novos problemas e permite pensar um objeto delimitado por novas vias metodológicas que vão sendo criadas. De fato, no decorrer da história, não são poucos os casos de teólogos que fazem ciência, sentindo-se em casa.

A história das religiões constitui mais uma ponte entre as duas áreas. As críticas histórica e textual desenvolvidas a partir da segunda metade do século XIX como ferramentas teóricas e metodológicas cada vez mais necessárias para a compreensão científica dos textos bíblicos contou com os estudos de história das religiões, sobretudo aquelas presentes no contexto do judaísmo no próximo e médio oriente e do cristianismo no contexto greco-romano. Ainda que tenha sido uma assimilação lenta, gradual e dialética, os estudos críticos de religião contribuíram definitivamente com o desenvolvimento dos estudos bíblicos. Podem-se observar contribuições antigas e clássicas como aquelas oferecidas pelos exegetas em meados do século passado¹⁶, como contribuições mais recentes que adotam explicitamente a ciência da religião¹⁷ para interpretar criticamente a Bíblia. A recíproca foi verdadeira. As metodologias exegéticas desenvolvidas no âmbito dos estudos bíblicos têm sido adotadas como parâmetro para os estudos dos textos sagrados por parte de especialistas dessa subárea da ciência da religião. As regras clássicas da crítica histórica, textual e literária, assim como da leitura histórico-social são transpostas para o exame de outros textos sagrados que fundam as tradições religiosas. Esse trânsito ou empréstimo tem se mostrado como fato, mais que como regra. De fato, do ponto de vista técnico os estudos dos textos sagrados no interior da Ciência da religião não tem mostrado metodologias originais, a não ser a dispensa dos pressupostos de fé que costumam acompanhar de alguma forma os exercícios da exegese bíblica.

¹⁶ Cf. por ex. Helmut Koester, *Introdução ao Novo Testamento I: História, cultura e religião no período helenístico* (São Paulo: Paulus, 2005).

¹⁷ Cf. Gerd Theissen, *A Religião dos Primeiros Cristãos: Uma teoria do cristianismo primitivo* (São Paulo: Paulinas, 2009).

Um terceiro caminho de relação espontânea ocorreu com a missiologia. Essa subdisciplina teológica tem tecido um relacionamento de mão dupla com a ciência da religião. Vale lembrar que muitos estudos clássicos de religião, particularmente no campo da etnografia e da antropologia, contaram já no final do dezenove com relatos missionários como fontes de estudos. Os missionários deparavam-se com a necessidade de registrar aquilo que observavam nas diferentes culturas e que demarcavam diferenças drásticas em relação ao cristianismo e à lógica cultural europeia. Esses relatos foram fontes de informação para muitos estudos que se tornaram referências para a etnografia e, por conseguinte, para antropologia¹⁸. Por outro lado, a missiologia acolheu ao longo do tempo os estudos das religiões como forma importante de entender as diferenças culturais e poder dialogar com elas no momento da evangelização.

Os estudos modernos de religião afetaram a teologia também de modo indireto. As metodologias indutivas adotadas pelas teologias modernas levaram em consideração a compreensão das tradições religiosas do passado e do presente para compreender a formação da tradição cristã, do ponto de vista doutrinal e litúrgico. O Concílio Vaticano II contou com os estudos de religião ao tratar de temáticas como a liberdade religiosa e das grandes tradições religiosas, como no caso da Declaração *Nostra Aetate*. Pode-se pensar também na influência direta de teorias da religião em temáticas teológicas: dos estudos comparados sobre os rituais nas reflexões litúrgicas, das teorias da secularização na teologia das realidades terrestres, das categorias marxistas nas teologias da libertação ou, ainda, na influência do estudo das tradições religiosas na teologia das religiões. Nesses tópicos, os estudos científicos de religião, bem como outras ciências e correntes filosóficas modernas exerceram influências diretas e indiretas sobre as reflexões teológicas, ainda que não sejam assumidas explicitamente como mediações metodológicas.

É forçoso observar que o inverso não se observa de modo imediato. A teologia não exerceu influências diretas no desenrolar das ciências de

¹⁸ Cf. por ex. Lucien de Lévy-Bruhl, *A Mentalidade Primitiva* (São Paulo: Paulus, 2008).

um modo geral, a não ser como um remoto pressuposto metafísico e cultural que apresenta a distinção entre Criador e criatura, liberando a realidade imanente para a atuação humana. Esse pressuposto teológico oculto sob as camadas do tempo, da cultura ocidental e da própria racionalidade científica é, sem dúvidas, verdadeiro, embora nem sempre seja considerado nas abordagens das ciências. Nessa perspectiva de fundo weberiano¹⁹, as ciências e as tecnologias seriam mais uma das frentes da racionalização empreitada pelo sujeito ocidental, tendo sob seus pés o solo firme, embora não consciente, da cosmovisão religiosa que desencanta a natureza e a libera aos domínios humanos. As ciências seriam uma espécie de filha tardia, secularizada – e até mesmo rebelde – do cristianismo, entendido como: sistema religioso originado de uma religião que separou Deus de sua criação, universalidade que permite acolher as contribuições das distintas culturas, incluindo as técnicas e prática histórica amadurecida como distinção das ordens espiritual e secular²⁰.

3. As relações deliberadas entre teologia e ciência da religião

Essas relações podem ser percebidas na esfera dos princípios epistemológicos e do *modus operandi* concreto entre as duas ciências com seus respectivos objetos e métodos. Os princípios dizem respeito ao que revela a história dos conhecimentos que vão sendo construídos até atingirem suas maturidades teóricas, curriculares e políticas, nos contextos da pesquisa, do ensino e da estruturação epistemológica e institucional. As operações concretas podem ser verificadas nas práticas metodológicas e teóricas, quando as duas áreas distintas entram em contato com o deliberado intuito da colaboração na busca de resultados concretos na investigação de seus objetos.

¹⁹ Cf. Max Weber, *Ensaio de Sociologia* (Rio de Janeiro: LTC, 1982), 315-322; 375-376.

²⁰ Cf. Nathan Rosenberg, *Por Dentro da Caixa-preta: Tecnologia e economia* (Campinas: Unicamp, 2006), 25-31.

3.1. *Parâmetros gerais*

A história ensina que as ciências se relacionam entre si, para além das vontades políticas e dos objetos de estudos dos cientistas. Mas elas tecem influências mútuas, na medida em que habitam os mesmos espaços institucionais ou se confluem em objetos e métodos comuns. O exercício das ciências constituem espaços teóricos e metodológicos relativamente autônomos que escapam dos controles territoriais efetivados por determinadas autoridades. Há sempre o risco de uma apologética epistemológica que pretende não somente isolar uma ciência da outra como um paradigma completamente autônomo, como também mistificá-las como se cada qual possuísse um estatuto epistemológico eterno, sem começo e sem fim. A história das ciências ensina que os caminhos comuns são constitutivos das diversas abordagens teóricas e metodológicas que vão constituindo as diversas áreas e disciplinas até atingirem o estado de *ciência normal*²¹. Esse percurso institucionalizador que constrói a autonomia e a legitimidade de uma ciência conta inevitavelmente com heranças de troncos comuns e com empréstimos interdisciplinares tanto quanto com a criação de novas abordagens metodológicas e teóricas: é do velho que se faz o novo, é do plural que se elabora o estatuto singular. As ciências humanas nasceram de matrizes anteriores que se vinculavam diretamente aos paradigmas mecânico, biológico ou filosófico, como explica Japiassu²². Nenhuma ciência é uma ilha ou começou de um ponto zero, por mais intuitiva que tenha sido sua invenção em um determinado momento histórico.

Essa constatação exige investigações cuidadosas no que se refere à relação de uma área de conhecimento com a outra, tanto no passado quanto no presente. A teologia e a ciência da religião podem, de fato, relacionar-se para além das fronteiras estabelecidas por quaisquer critérios

²¹ Conceito formulado por Thomas Kuhn para designar a «pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior»; cf. Thomas Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas* (São Paulo: Perspectiva, 2001), 29.

²² Cf. Japiassu, *Introdução às Ciências Humanas*, 49-67.

epistemológicos e políticos. Nos dias atuais de trânsitos deliberados entre as áreas esse dado adquire expressividade e significado ainda maiores. As práticas interdisciplinares produzem trocas e convergências que não permitem mais os antigos isolamentos. Se, nos tempos antigos a teologia ocupava um lugar legítimo no quadro geral de uma visão racional que integrava de modo orgânico os diversos conhecimentos, tendo a metafísica como base mais fundamental, hoje ela pode ocupar um lugar comum entre os diversos saberes que, sem perder suas especificidades, buscam dialogar e alcançar patamares comuns em termos de métodos e domínios de objetos. Com efeito, sua tradição de buscar os vínculos entre fé e razão lhe fornece não somente um *know-how* no diálogo com diferentes abordagens que julgue necessárias para a construção de seu discurso, mas também a legitimação suficiente para avançar na busca permanente de encarnação de sua palavra nas palavras sempre renovadas das mais variadas ciências, de modo particular daquelas que se ocupam de objetos próximos ao seu, como no caso da ciência da religião.

3.2. *Tipos de relações*

As relações concretas estabelecidas entre as duas áreas permitem categorizar alguns tipos ou direções puras que expressam possibilidades e caminhos de diálogo, embora não devam ser entendidos como direcionamentos estanques, como em qualquer abordagem tipológica. Os tipos de relação que podem ser construídos para detectar as relações entre teologia e ciência da religião visam designar as múltiplas possibilidades dos contatos concretos entre ambas e ajudam a superar as visões simplificadas, sobretudo aquelas que estabelecem oposições, quando não oposições irreconciliáveis. As relações entre distintas configurações que se encontram ocorrem em uma dialética múltipla, como já explicava G. Gurvitch, buscando superar com esse conceito a hegemonia conceitual da dialética de oposição²³. Nessa perspectiva é possível detectar relações

²³ Cf. Georges Gurvitch, *Dialética e Sociologia* (São Paulo: Vértice, 1987), 182-211.

de oposição, ou de «polarização dialética»²⁴, quando as duas abordagens se mostram irreconciliáveis por razões epistemológicas ou institucionais; teologia e ciências da religião não possuiriam pontos de convergência sustentando-se como duas ciências distintas e assim deveriam permanecer para a saúde epistemológica de ambas. Por certo, o quadro atual de afirmação do estatuto específico da ciência da religião e, em boa medida da teologia no Brasil, explicita essa dinâmica, ao buscar cada qual uma identidade própria, o que já se verificou de modo intenso nos primórdios da ciência da religião no contexto europeu. Pode-se observar também uma «reciprocidade de perspectiva» que revela um relacionamento de objetos comuns e de caminhos paralelos de explicação metodológica dos mesmos. Prevalece, no caso, o paralelismo que dispensa o diálogo em busca de conhecimentos comuns como duas espécies irmãs que evoluem sem cruzamentos. Do ponto de vista institucional essa parece ser a postura que prevalece; as duas abordagens convivem na prática sem cobranças de maiores rigores e distinções epistemológicas, bem como sem exigências prévias de trocas epistemológicas. Há ainda na tipologia de Gurvitch a presença da dialética de «implicação mútua»²⁵ que serviria para designar, no caso, a troca consciente ou não de objetos, de abordagens e de resultados de uma área com a outra. Muitas pesquisas realizadas no seio dos Programas de Pós-graduação podem ser situadas nesse território de implicações mútuas, tanto em seus objetos, quanto em suas abordagens, ainda que, do ponto de vista, dos métodos confessados e das nomenclaturas jurem fidelidade irrestrita a uma área pura e específica. Além dessas relações, não tem faltado aqueles que defendem uma indistinção epistemológica entre as áreas; reivindicam que as distinções não excedem as opções semânticas. As duas áreas não poderiam ou não necessitariam ser distinguidas e poderiam ser praticadas por professores comuns e em configurações curriculares comuns.

²⁴ Gurvitch, *Dialética e Sociologia*, 200.

²⁵ Gurvitch, *Dialética e Sociologia*, 191.

As relações estabelecidas entre a ciência da religião e a teologia extravasam as especificações epistemológicas, as configurações curriculares e das delimitações institucionais. O que ocorre entre as ciências de um modo geral, entre essas duas áreas adquire maior gravidade, tendo em vista a dialética múltipla a que estão sujeitas. Contudo, há que afirmar a distinção fundamental entre as abordagens, para que não se traia a história de dois modos distintos de fazer ciência.

3.3. *As relações críticas e positivas*

Sabe-se hoje que as ciências não são autossuficientes, como se pensava no passado, e que nenhuma ciência pode reivindicar para si postos de superioridade em relação às demais, como as chamadas «rainhas das ciências» do passado ou como as «ciências duras» do presente. Todas as ciências com seus objetos, métodos e teorias socialmente estabelecidos estão incluídas em quadros epistemológicos e políticos sempre limitados. A interdisciplinaridade torna-se cada vez mais uma regra do exercício científico e da busca de significados amplos os suficientes para compreender o ser humano e o mundo como totalidades interligadas e complexas²⁶. Nesse sentido, tão fundamental quanto à delimitação das especificidades de cada ciência são as relações de troca crítica e criativa entre elas. A teologia e a ciência da religião coabitam hoje o mesmo espaço institucional no âmbito da comunidade científica que a regula e dinamiza e, por certo, continuarão nessa condição por tempo indeterminado. Esse fato consumado tem exigido das duas áreas um relacionamento amistoso e criativo. Por certo, de agora em diante, deverão construir mais que quadros de suas distinções, mas, sobretudo, possibilidades de permutas em termos de objetos comuns a serem investigados, de métodos a serem mediados e de teorias que forneçam parâmetros para as investigações de ambas as partes.

Se, do ponto de vista histórico e epistemológico, a distinção entre teologia e ciência da religião se impõe como fato e coerência, do ponto

²⁶ Cf. Morin, *Ciência com Consciência*, 329-334.

de vista da produção concreta dos conhecimentos que compõem as duas áreas e, de modo particular, do ponto de vista institucional as relações diretas e indiretas acontecem inevitavelmente. Os extremos da indistinção (concordismo) e da polarização (discordismo) devem ser evitados para que as duas áreas tenham sua legitimidade epistemológica e possam buscar formas de articulação entre seus resultados mais próximos ou mais distantes²⁷. Nem as corporações acadêmicas e nem as confissões religiosas têm o direito de impor qualquer um desses extremos como norma curricular ou política. Esses pressupostos que sempre rondam a autonomia e a coerência das ciências como formas de exercer o domínio sobre elas são sempre perversos; devem ser renegados em nome da busca da verdade que não tem donos e nem suporta regras políticas externas ao seu processo de investigação. As regras das diversas ciências só podem ser construídas por elas mesmas, na medida em que se apresentam como tal no cenário institucional das ciências normais. A teologia e a ciência da religião não têm donos, ainda que historicamente tenham cruzado com instituições devotadas ao controle de seus exercícios por interessarem por seus resultados²⁸. Nesse sentido, ambas são tão «laicas» quantas outras ciências, na medida em que se instituem como conhecimentos edificados sobre estatutos epistemológicos próprios que lhes conferem regras de produção disponíveis a quem possa abraçá-las como ofício intelectual e como exercício profissional.

As razões da distinção entre teologia e ciência da religião só podem advir delas próprias e não por decisões externas que sobre elas se imponham por razões de rejeição mútua, de preconceitos ou de insegurança epistemológica. O diálogo brota igualmente das necessidades e possibilidades de investigação. Ainda permanece válido o princípio medieval *fides quaerens intellectum* como um modo permanente da fé buscar os meios científicos sempre atualizados de sua justificação, sistematização

²⁷ Categorias utilizadas por Dominique Lambert para mapear as relações entre teologia e ciências; cf. Dominique Lambert, *Ciências e Teologia: Figuras de um diálogo* (São Paulo: Loyola, 2002), 67-113.

²⁸ Cf. João Décio Passos, «Teologia na Universidade: coisa eclesial ou coisa pública?», *REVER* 16, no. 1 (2016): 87-92.

e comunicação. A fé busca as ciências! E na fila das ciências buscadas pela teologia, as que se dedicam às religiões e à religião serão as primeiras a oferecerem-lhe suas mediações teóricas e metodológicas. A teologia das religiões, uma das disciplinas de vanguarda da teologia atual, só pode avançar em seus desafios dialógicos com as diferenças religiosas se trabalhar em sintonia direta com os estudos atualizados de religião, o que, certamente, se aplica também à própria questão da revelação judaico-cristã. Ademais, na coabitação institucional em que teologia e ciência da religião se encontram hoje no âmbito das Universidades pode ser um fator que favoreça esse diálogo construtivo e permita, ao mesmo tempo, que avancem nas distinções de seus estatutos próprios. A teologia assumiu a configuração disciplinar atual no seio da universidade, precisamente ao buscar na ciência da época os meios de expressão metodológica e teórica, ainda que as vigilâncias eclesiásticas muitas vezes impusessem suas regras dogmáticas²⁹. Sem as ciências, a teologia pode reduzir-se a um discurso cristalizado em mediações do passado e confinado em doutrinas fixas e abstratas. Nesse papel mediador, a ciência da religião pode contribuir de modo direto com a reflexão teológica, na medida em que desvela o ser humano religioso em sua singularidade e em sua diversidade cultural.

Ademais, uma crítica religiosa da teologia permite situá-la no conjunto de outras expressões religiosas construídas no decorrer da história e expor as dinâmicas comuns dos discursos que buscam fundamentar os sistemas religiosos em seus processos de racionalização; permite, ainda, examinar as funções ideológicas dos seus discursos, bem como suas interações com outras tradições religiosas. Por outro lado, a teologia carrega um potencial crítico ético-utópico das ciências que pode cobrar da ciência da religião um autoexame de seus pressupostos e funções. A longa história da teologia também pode oferecer conteúdos próprios para o exame histórico das religiões e, de modo particular, da história do pensamento religioso, por parte da ciência da religião. Da mesma forma, o acúmulo teórico e metodológico da exegese bíblica constitui uma fonte de onde

²⁹ Cf. Jaques Verger, *Cultura, Ensino e Sociedade no Ocidente* (Bauru; Edusc, 2001), 277-297.

a ciência da religião tem emprestado ferramentas para a análise de textos sagrados de outras tradições religiosas. A teologia reclama às ciências em geral a necessidade de avançarem para além de seus objetos específicos e de seus métodos especializados na busca de patamares mais amplos que situem as suas verdades particulares no contexto de uma globalidade de sentido para o ser humano e para a vida em geral.

Conclusão: ciências em diálogo e construção

As soluções institucionais e teóricas sobre as identidades das duas áreas e suas relações efetivas no âmbito da comunidade científica contribuem com a resolução de problemas históricos. O diálogo entre a teologia e as ciências de um modo geral é hoje um fato que não necessita mais de justificativas apologéticas ou epistemológicas. Ambas podem contribuir com o amadurecimento do juízo da própria Igreja e no avanço da compreensão da Revelação, como afirma o Papa Francisco (*Evangelii gaudium*, 40). E, com maior razão, podem contribuir com o amadurecimento dos juízos éticos da humanidade. Ambas se inserem em um *habitat* epistemológico que afirma a necessidade e urgência de superação dos isolamentos disciplinares e de construção de práticas efetivas de trocas inter e transdisciplinares. É precisamente no processo de trocas que as ciências avançaram no decorrer da história e avançam quantitativa e qualitativamente, metodológica e epistemologicamente, incorporando novos objetos e construindo novos paradigmas e revendo suas próprias identidades.

No entanto, as práticas curriculares concretas podem ainda preservar os velhos e cômodos isolamentos que se acomodam em suas endogenias e reprodutivismos teóricos e pedagógicos. O dualismo entre Igreja e sociedade muitas vezes é reproduzido no interior da universidade e da comunidade científica quando se instaura a separação irreconciliável entre as duas abordagens, solução cômoda que dispensa o labor crítico e criativo, para além dos dogmas políticos.

Com efeito, as construções epistemológicas e política da teologia e da ciência da religião ainda não foram efetivamente concluídas no seio

das universidades atuais, se se pode afirmar que alguma ciência se encontra efetivamente concluída. Trata-se de uma construção que exige exercícios de afinamentos teóricos e metodológicos, estruturações curriculares mais coerentes, regulamentações legais das profissões e ajustes dessas em um mercado de trabalho mais definido. Nesse sentido, ambas as abordagens ainda padecem dos impactos limitadores do secularismo sobre as questões relacionadas ao religioso e do utilitarismo reinante no mercado de trabalho que acaba, quase sempre, determinando o «mercado das ciências» e das profissões.

A teologia está hoje reapropriada pela universidade em boa parte do ocidente latino, seu *habitat* original. Aí terá que dialogar com as ciências de um modo geral para que possa conquistar legitimidade epistemológica e política. A ciência da religião busca seus modos de aplicação na sociedade secularizada que trata de modo ambíguo o religioso: como objeto sem legitimidade pública. A busca de regulamentação profissional de ambas as áreas será, por certo, uma tarefa a ser enfrentada nos tempos vindouros, antes que aventureiros o façam em nome de interesses outros. As academias é que deverão assumir o protagonismo desse processo. Da mesma forma que não se pode ignorar a relação inseparável do epistemológico com o político, no momento de institucionalização das ciências, não se pode evitar a pergunta pela função social das mesmas e, por conseguinte, do mercado de trabalho que as absorva com suas especialidades. Nesse aspecto, as ciências da religião aplicadas constituem uma subárea a ser estruturada no sentido de expor as potencialidades da área, do ponto de vista pedagógico e cultural em uma sociedade que lida com conflitos éticos e religiosos, com a convivência plural de valores e com a presença pública de instituições religiosas. Nessas frentes, o teólogo e o cientista da religião poderão compor parcerias fecundas como mediadores e educadores.

Todas as ciências se enriqueceram na medida em que travaram diálogo entre si, sem medo das diferenças metodológicas e de resultados diferenciados a que cada qual poderia chegar. O trânsito interdisciplinar é construtivo e constitutivo das novas abordagens que vão sendo

construídas e que terminam fixadas em determinados paradigmas e institucionalizados como ciência particular. O isolamento disciplinar é mais uma conveniência institucional do que uma virtude epistemológica; serve mais a interesses e poderes políticos instituídos do que à busca autêntica da verdade. Com suas distinções históricas, metodológicas e teóricas, teologia e ciência da religião poderão construir caminhos de trocas mútuas na casa comum em que se encontram.

Bibliografia

- Aquino, Tomás de. *Suma Teológica*. Vol. I. São Paulo: Loyola, 2001.
- Armstrong, Karen. *Em Nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Camurça, Marcelo. «Ciência da religião, ciências da religião, ciências das religiões.» In *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*, organizado por Faustino Teixeira, 197-232. São Paulo: Paulinas, 2001.
- Dilthey, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*. São Paulo: Unesp, 2010.
- Dilthey, Wilhelm. *Introducción a las Ciencias del Espíritu*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- Filoramo, Giovanni, e Carlo Prandi. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.
- Fourez, Gérard. *A Construção das Ciências: Introdução à filosofia e a éticas das ciências*. São Paulo: Unesp, 1995.
- Gesché, Adolphe. *O Mal. Deus para pensar*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- Gurvitch, Georges. *Dialética e Sociologia*. São Paulo: Vértice, 1987.
- Hock, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.
- Jaeger, Werner. *La teología de los Primeros Filósofos Griegos*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- Japiassu, Hilton. *A Crise das Ciências Humanas*. São Paulo: Cortez, 2012.
- Japiassu, Hilton. *Introdução às Ciências Humanas*. São Paulo: Letras e Letras, 1994.
- Japiassu, Hilton. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- Koester, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento I: História, cultura e religião no período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005.

- Kuhn, Thomas Samuel. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- Lambert, Dominique. *Ciências e Teologia: Figuras de um diálogo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- Lévy-Bruhl, Lucien. *A Mentalidade Primitiva*. São Paulo: Paulus, 2008.
- Morin, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- Papa Francisco. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- Passos, João Décio. «Teologia na Universidade: coisa eclesial ou coisa pública?.» *REVER* 16, no. 1, Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião, PUC-SP (2016): 87-92.
- Passos, João Décio e Frank Usarski. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013.
- Rosenberg, Nathan. *Por Dentro da Caixa-preta: Tecnologia e economia*. Campinas: Unicamp, 2006.
- Theissen, Gerd. *A Religião dos Primeiros Cristãos: Uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- Usarski, Frank. *O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- Tillich, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*. São Paulo: Aste, 2010.
- Torrey, Reuben Archer, ed. *Os Fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- Weber, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- Verger, Jacques. *Cultura, Ensino e Sociedade no Ocidente nos Séculos XII e XIII*. Bauru: Edusc, 2001.
- Vilanova, Evangelista. *Historia de la Teología Cristiana*. Vol. III. Barcelona: Herder, 1992.
- Artigo submetido em 11.08.2018 e aprovado em 12.02.2019.